



2024

V.17

# História da Historiografia

International Journal of Theory  
and History of Historiography



ISSN 1983-9928



Sociedade Brasileira  
de Teoria e História da  
Historiografia



UNIRIO



UFOP



Artigo Original

AO

Research Article





# Enquadramentos para a *sobralidade*: a escrita da história de uma cidade modelo por sacerdotes católicos (1922 - 1991)

Frames for *sobrality*: the writing of the history of a model city by Catholic priests (1922 - 1991)

---

Thiago Braga Teles da Rocha

thiagorocha1990@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4147-7019> 

Secretaria da Educação do Estado do Ceará/Universidade Estadual Vale do Acaraú, Curso de História, Sobral, CE, Brasil



### Resumo

Neste texto, proponho o estudo de certa forma de historiografia fabricada em Sobral, produzida por cinco sacerdotes ao longo do século XX, os quais enunciam uma cidade modelo, com narrativas permeadas por temáticas, fontes e enquadramentos historiográficos similares ao tornarem homens brancos, católicos e com descendência portuguesa como protagonistas de um passado glorioso de uma cidade onde segundo a óptica dos autores, deveria ter sua relevância nacional reconhecida, fornecendo, assim, cifras para o conceito de *sobralidade* e justificando o ato de produzir presenças e sentidos de dado passado. Como conclusão, proponho a reflexão sobre historiografia ainda hoje manter influência, sendo relevante para os projetos dos atores políticos ligados à Sobral, problematizando a necessidade de novos passados serem inventados e referenciados para a cidade.

### Palavras-chave

História da historiografia. Historiografia brasileira. Identidade.

### Abstract

In this text, I propose the study of a certain form of historiography manufactured in Sobral, produced by five priests throughout the 20th century, who enunciate a model city, with narratives permeated by similar themes, sources and historiographical frameworks by making men, white, Catholic and of Portuguese descent as protagonists of a glorious past of a city that, according to the authors' perspective, should have its national relevance recognized, thus providing figures for the concept of *sobrality* and justifying the act of producing presences and meanings of a given past. As a conclusion, I propose the reflection that such historiography still maintains influence today, being relevant to the projects of political actors linked to Sobral, problematizing the need for new pasts to be invented and referenced for the city.

### Keywords

History of historiography. Brazilian historiography. Identity.



*Em cada esquina que eu passava, um guarda me parava  
Pedia os meus documentos e depois sorria  
Examinando o três-por-quatro da fotografia  
E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha*  
(Belchior, 1976).

## Introdução, uma cidade apresentada como modelo ao longo do tempo

**E**m Sobral, houve uma massiva produção discursiva ao longo do século XX que aspirava tornar aquela espacialidade distinta e modelar para o restante do país. Em meio a uma variedade de discursos, certo tipo de historiografia produzida por sacerdotes ganhou destaque, ao legitimar aspectos que iam ao encontro dos interesses das elites políticas e econômicas da época, produzindo enquadramentos de uma urbe de homens brancos, católicos e de “raízes portuguesas”, que foram monumentalizados como vultos da cidade, ansiando por uma presença perene destes sujeitos, ao passo que ao fundo da imagem, ou fora dos quadros, outros personagens foram silenciados, não protagonizando as narrativas sobre o passado da cidade.

A cidade fica situada às margens da Ribeira do Rio Acaraú, próximo à Serra da Meruoca, na região noroeste do Ceará e em pleno semiárido. Vila desde 1773, e cidade desde 1841, teve sua formação social associada ao estabelecimento de fazendas com enfoque na criação de gado, perpassando, a partir do século XVIII, por processos de urbanização que tiveram, como elementos norteadores, o comércio e a industrialização. O município, com maior parte da população vivendo na área urbana, tem população estimada no último censo em pouco mais de 200 mil habitantes.<sup>1</sup>

Ao longo do século XX, diversos intelectuais ligados às diferentes áreas de produção do saber buscaram inventar uma cidade letrada, que fosse reconhecida como exemplo e valorizada como referência (Melo, 2013). Mas, dentre estas variadas produções discursivas, proponho analisar especificamente qual o papel da historiografia na produção de tais cifras, questionando que quadros a escrita da história produziu, que sujeitos tornou protagonistas e quais aspectos do passado foram tornados presentes para a instituição de uma Sobral modelar.

Identifiquei, ao longo de minhas pesquisas, que cinco clérigos, especialmente entre os anos de 1922 e 1991, produziram textos, entre artigos e livros, os quais serviram ao objetivo de

<sup>1</sup> A população estimada no último censo, de 2022, foi de 203.023 pessoas, sendo a maior da região noroeste e quinta maior do Ceará. Ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>. Acesso em: 31 de ago. de 2024.



enunciar que Sobral era uma cidade distinta e relevante para o Ceará, para o Brasil e até para todo o mundo. Foram eles, Fortunato Alves Linhares (1869-1960), Vicente Martins da Costa (1880-1948), dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), João Mendes Lira (1925-2005) e Francisco Sadoc de Araújo (1931). Com a exceção de Vicente Martins da Costa, nascido em Fortaleza e que foi pároco na cidade de Granja (distante 100 quilômetros de Sobral) antes de se transferir para a cidade, todos os outros nasceram e tiveram suas carreiras sacerdotais atreladas à cidade que historiavam. Neste artigo, irei me debruçar sobre os principais manuscritos desses autores, evidenciando que roteiro de história da cidade foi constituído.

Além de suas carreiras sacerdotais, desempenharam outras atividades, como a docência e a escrita, ligados, especialmente, ao Seminário Diocesano São José, fundado por dom José em 1925, ao Instituto do Ceará e, no caso dos dois últimos clérigos nascidos no século XX, à Universidade Vale do Acaraú, fundada em 1968 por Sadoc de Araújo e estadualizada desde 1984. Eles publicaram artigos e livros que tiveram alcance estadual, auxiliando na construção de narrativas que almejavam criar identidades regionais, algo comum ao longo do século passado na invenção de narrativas do tipo para as especialidades, especialmente no caso do Nordeste, como bem apontou o estudo seminal de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em *A Invenção do Nordeste e outras artes* (2011).

Neste texto, no primeiro tópico, iremos refletir sobre o conceito de *sobralidade*, que embasa a noção identitária que Sobral deve ser pensada como um modelo. Em sequência, no segundo tópico, analisaremos o que nomeio como *enquadramentos historiográficos* mobilizados pelos clérigos da cidade. No terceiro tópico, aprofundo-me sobre o estudo que Benjamin (1994) chamou de *empatia pelos vencedores* presente e partilhada pelos sacerdotes. O tópico seguinte trata da construção do ideário de uma “mãe-fecunda” para legitimar a relevância da cidade por ser a matéria de personagens relevantes para o Ceará e para o Brasil. Por fim, em nossa conclusão, levanto alguns questionamentos sobre o papel atual dessa historiografia e da noção de *sobralidade*.

## As cifras do conceito de *Sobralidade*

Ao historiar o conceito em diálogo com as dinâmicas políticas, como propõe Koselleck (2006, p. 103), interpreto que um uso aproximado de *sobralidade* surge na obra do ex-governador do Ceará entre os anos de 1959 e 1963, Parsifal Barroso, intitulada *O Cearense* (1969). Barroso, nascido e com trajetória política em Fortaleza, era genro de Francisco de Almeida Monte, popularmente conhecido em Sobral como Chico Monte, que foi um dos principais atores políticos nas disputas pelo poder da cidade até sua morte, em 1963.



Parsifal Barroso buscou realizar uma visão sociológica ampla do Ceará, tentando, talvez, mimetizar aspectos das obras de Gilberto Freyre, com quem dialoga. Já na parte final do texto, ele busca pensar a *cearensidade*, mas partindo de um modelo dentro do próprio estado, Sobral, indicando que o Ceará deveria “*sobralizar-se*”, ou seja, tomar a cidade como referência para seu desenvolvimento, valorizando aspectos internos de sua cultura, de sua tradição, em vez de “preferir o que vem de fora” (Barroso, 1969, p. 128). A defesa da tradição é um dos temas que mais se repetem nos enunciados criados pelos padres que escreveram a história da cidade e de quem Parsifal foi contemporâneo, sendo leitor assíduo e até prefaciador de obras.

Inclusive, na primeira edição de *Cronologia Sobralense*, do padre Francisco Sadoc de Araújo, obra que foi originalmente publicada em 1974, Parsifal Barroso não conteve a satisfação em ver a produção de cifras que reforçam a *sobralidade*,

Para mim, que fixei a conceitualização de “*sobralidade*” como o sinal dessa força que vence obstáculos, equilibra contrastes e conquista um processo incoercível, transformando Sobral num polo dinamizador do Norte cearense, não admira o surto dessa paixão pela pesquisa histórica, já configurado com um processo cultural irreversível [...] (Barroso, 2015, p. 15).

A historiografia foi importante produtora de cifras que reforçaram o conceito de *sobralidade*. Pensar a *sobralidade*, assim como qualquer conceito, é pensar que ele é um conceito que traz consigo historicidade. Em diálogo com Deleuze e Guatarri (2010, p.23), compreendo que todo conceito é complexo e formado por uma multiplicidade de cifras, que que são formadas historicamente e articuladas com outras ideias, produzindo imagens.

Os textos aqui estudados, escritos por sacerdotes católicos, não contêm em si o termo *sobralidade*, mas é por meio deles que vemos de forma abundante uma articulação de cifras, como “modelo”, “civilização”, “fé”, “heróis”, “tradição”, “boa linhagem”, que juntas foram articuladas, justificaram e deram sentido para o uso do conceito de *sobralidade*, articulado por outros atores sociais. É uma visão profundamente influenciada pela perspectiva europeia, a que pertence o catolicismo, elegendo os de descendência europeia como sujeitos a terem sua vida tornada presente em seus textos, enquanto descendentes de indígenas, de africanos ou mestiços têm suas vidas silenciadas.

O clérigo João Mendes Lira, na apresentação de sua obra *De Caiçara a Sobral* (1971), apresenta o anseio de tornar a visão de história que tinha *presente* na cidade. Segundo o sacerdote,



“O desejo que alimento de ver minha terra conhecida e estimada, me leva a fazer qualquer coisa no dia dos seus 130 anos de existência [como cidade]. Estas páginas são, sem dúvida, uma presença, um modo de dizer ‘presente’, no dia do seu aniversário” (Lira, 1971a, p. 7).

Penso esta ideia de “presença”, produzida por Lira e tão comum na escrita da história em Sobral, a partir do diálogo com Hans Ulrich Gumbrecht. Como afirma o autor, ao definir a ideia de “*produção de presença*”, esta “aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos ‘presentes’ sobre os corpos humanos” (Gumbrecht, 2010, p. 13). Os textos publicados pelos clérigos, com suas diferentes formas materiais, impactam os corpos que com elas entram em contato.

Todavia, há outra forma de pensar a produção de presença, discutindo a relação entre linguagem e presença. Gumbrecht (2009, p. 16) aponta que “a linguagem, sob determinadas (e variadas) condições, pode tornar o passado tangivelmente presente”. Para o autor, a simples presentificação do passado não corresponde à história, que deve ser acompanhada das ideias de mudança e distanciamento, provocando interpretação (Gumbrecht, 2009, pp. 16 e 17). Logo, a presentificação do passado, sem o distanciamento e a reflexão própria da história, demonstram a aproximação dos sujeitos que escrevem para com o pretérito que desejam evidenciar, alargando o presente, o que parece ficar claro com a elaboração na escolha dos protagonistas eleitos pelos sacerdotes que escrevem sobre a história de Sobral.

Adentrando ao estudo das obras historiográficas produzidas pelos clérigos, percebemos que alguns textos podem ser entendidos como as obras canônicas sobre a história da cidade, que deveria ser lida e ensinada seguindo a lógica proposta. Em especial, *Notas Históricas da Cidade de Sobral*, de Fortunato Alves Linhares (1922), *Homens e Vultos de Sobral*, de Vicente Martins da Costa (1941), *História de Sobral*, de dom José Tupinambá da Frota ([1952] 1995), *Nossa História*, de João Mendes Lira (1971) e *Cronologia Sobralense*, de Francisco Sadoc de Araújo ([1974] 2015), são textos que edificam uma cidade modelar, de homens heroicos, com um passado glorioso, que ama sua tradição e deve ser um modelo para as outras cidades.

Por exemplo, no *prólogo*, espécie de prefácio, de *História de Sobral* (Frota, 1995), escrito pelo padre Fortunato Alves Linhares, o sacerdote elogiava seu superior eclesiástico, afirmando que o texto do bispo “[...] trata de nossas gloriosas tradições e da índole e caráter forte e indomável de nossos antepassados” (Linhares, 1995, p. 5). O ato de prefaciá-la é simbólico, especialmente quando ocorre a convite do autor. Dom José confia ao tradicional professor de História Universal do Seminário São José, por ele fundado em 1925, a oportunidade de criar o único texto que antecede a sequência de documentos e alguns textos autorais publicados em *História de Sobral*.



Mais de vinte anos depois, Francisco Sadoc de Araújo convida não um colega de batina, mas um político, Parsifal Barroso, autor de *O Cearense* para prefaciar sua *Cronologia Sobralense*. Sadoc de Araújo tinha um discurso alinhado com a ideia de que Sobral era uma cidade modelar, que tinha distinção em sua história. Segundo o clérigo,

A esperança do desenvolvimento da terra sobralense não está, portanto, nas riquezas naturais de seu solo, nem no privilégio especial de sua situação geográfica, mas no potencial altamente evolutivo de sua gente. Cada sobralense, por predisposição atávica, é um homem inquieto, impaciente, ativo, sempre em busca do mais e do melhor para sua terra (Araújo, 2015. p. 25).

Percebamos que os enunciados que Sadoc de Araújo propôs em seu texto muito se assemelham aos do padre Linhares utilizados para elogiar o prelado sobralense na época de lançamento de sua obra sobre a história da cidade. Tal discurso é similar ao de Lira, em *Nossa História* (1971b, p. 16). Sobral é tecida pelos clérigos como tendo uma distinção frente às outras espacialidades, especialmente no quesito cultural.

Avalio que a escrita da história da cidade por estes sacerdotes acaba por buscar a invenção de identidades para Sobral, assemelhando-se ao que o Rüsen (2007, p. 49) definiu como *produção de sentidos*, onde

A identidade forma-se, nesse discurso [historiográfico de produção de sentido], como enraizamento das formas sociais tradicionais da subjetividade em atitudes, motivações e modelos de percepção e interpretação profundamente inseridos nas mentalidades. Histórias desse tipo funcionam como formadoras de identidade, na medida em que interpelam seus destinatários a reproduzir modelos de comportamento.

Observemos que além da *produção de presença*, com um tipo de alargamento do presente para a acomodação de heróis ainda relevantes para a cidade, os clérigos também produzem *sentidos*, elaborando tradições que aspiram, ao dialogarem com o passado, a formulação de uma identidade própria para Sobral.

A relação entre historiografia e a construção de identidades é bem próxima. O trabalho de Walderez Ramalho (2015, p. 249), por exemplo, ao problematizar a “mineiridade”, indica



bem como a historiografia, por meio de narrativas-mestras, foram importantes para a criação de identidades, como vemos por todo o Brasil, inclusive com a ideia nacional de brasilidade.

Esse caso de formulação de uma historiografia com narrativas-mestras, glorificando o passado de Sobral, já foi notado pela historiadora Elza Marinho Lustosa da Costa (2011, p. 8), a qual interpreta que as elites mantêm uma avaliação positiva de Sobral e delas mesmas compreendendo que a historiografia “se consagra à invenção e à promoção das glórias da cidade”.

Outro intelectual, o cientista social Nilson Almino de Freitas (2000), especialmente em *Sobral: opulência e tradição*, analisou a cidade e discutiu o conceito de *sobralidade*. Seus textos não realizam diálogos com as ideias de Parsifal Barroso e nem com qualquer tentativa de fazer uma história do conceito. O autor teceu a seguinte definição da *sobralidade*, tratada por ele como também triunfante:

Essa ideia da “*sobralidade*” inspira uma organização discursiva sobre a cidade que fala de eventos fundadores baseados em histórias de “heróis”, experiências e lugares, construindo uma aura de importância que tende a criar uma imagem de Sobral como polo difusor de padrões comportamentais, econômicos, políticos e intelectuais, em âmbito regional, estadual e, em alguns momentos, até nacional. Estas lembranças fundadoras são definidas em um discurso elaborado pela “autoridade” da elite, influenciadora de significados que devem ser respeitados e reproduzidos por todos os habitantes de Sobral e de outras cidades. É o exemplo a ser seguido (Freitas, 2000, p. 71).

Observo que o núcleo das ideias abordadas por Nilson Freitas, em sua definição, mantém diálogo com o que propunha Parsifal Barroso três décadas antes. Mesmo com transformações, a ideia de *sobralidade* é ainda composta por uma grande valorização da terra e de seus habitantes, tratados como heróis, e com uma cultura diferenciada que poderia ser reproduzida para outras cidades. Destaco que, ao analisar a produção de tal historiografia, notamos que não é qualquer habitante ou herdeiro da terra tratado como herói ou modelo, mas sim os pertencentes a um grupo definido, enquadrado pelos sacerdotes como dignos de terem suas vidas narradas.

Vale frisar o quão importante foi a historiografia para a concretização e reprodução da noção de *sobralidade*, abordada por Parsifal Barroso. Ele uniu o elemento cultural, a escrita da história, a um elemento econômico, à industrialização, revelando uma associação que privilegia o equilíbrio entre cultura e progresso. Para Barroso (2015, p. 15), “Somente em Sobral, enquanto



o Ceará mais desama as tradições que deveria venerar, poderia ocorrer o prodigioso surgimento de um forte interesse pela sua História, enquanto vai evoluindo seu processo de adequada industrialização”.

Mais recentemente, um novo acontecimento discursivo deixa impressos esses signos no presente. Unindo imagens que os clérigos elaboraram ao conceito que Parsifal Barroso inventou, dom José de Vasconcelos, atual bispo de Sobral, ao receber o título de cidadão sobralense, em 4 de julho de 2018, assume essa mesma narrativa tradicional da história de Sobral, justificando o primeiro topônimo da cidade como “*Vila Distinta e Real de Sobral*”,

[...] escutei da boca de um ilustre filho desta terra uma frase intrigante, ‘uma coisa é ser sobralense, outra é ter o espírito de *sobralidade*’, dizia isto recordando que a cidade de Sobral, antes de tornar-se cidade, era conhecida como Vila Real e Distinta porque não era proveniente de aldeamentos indígenas, nem de aglomerações quilombolas (Vasconcelos, 2018).

Que “filho desta terra” seria esse? Talvez Sadoc de Araújo, em alguma visita realizada pelo bispo. Talvez outro clérigo ou político que partilha dessas ideias. Sabemos que Sadoc de Araújo fazia circular enunciados muito parecidos com aqueles presentes no discurso de dom Vasconcelos ao falar da origem de Sobral:

Distinta porque não tivera origem indígena, ou bárbara, como se dizia então. Nem fora sede de missões jesuíticas ou de outras congregações religiosas. Desde seus primórdios, fora colonizada por portugueses, ou seus descendentes diretos, e catequizados por padres seculares ou da Ordem de São Pedro, como eram então chamados (Araújo, 1991, p. 29).

As cifras que compõem a noção de *sobralidade* não são deixadas de lado. Seja em 2018, com o discurso do atual bispo, seja no passado, o conceito é protagonista na tentativa de criar um modelo de cidade a partir da suposta distinção de seus habitantes, que encontra como um de suas principais chaves na presença do catolicismo.



## Os enquadramentos historiográficos em Sobral

Dentro da historiografia produzida por sacerdotes, como era de se esperar, o componente religioso é tratado como algo fundamental para a cidade, chegando também a ser um atributo para os personagens que eles historiam. A noção de civilização é, então, abastecida pelo signo do catolicismo, legitimando uma narrativa de fundação da cidade, como vemos exemplificado na obra de Sadoc de Araújo (2015, p. 22), “Em 1742 [a Fazenda Caiçara] é escolhida como sede do Curato de Nossa Senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú. É construída a Matriz. Torna-se polo em que se concentram todas as forças civilizatórias da Ribeira”.

Avalio que, conforme os enunciados do autor, a visão de *civilização* que ele empreende, associado ao signo do catolicismo, é o que torna propício o início de uma narrativa sobre o passado da cidade. Atores que não pertenciam à cultura cristã, advinda da Europa, não representavam nada de relevante para o clérigo. Segundo Sadoc de Araújo (2015, p. 19), “A História de Sobral, propriamente falando, tem início somente na primeira década do século XVIII, quando os primeiros sesmeiros começam a se apossar de suas sesmarias e aqui fixar residência nas margens do Rio Acaraú”.

Esta perspectiva indica uma o que Albert Memmi (1977) chama de visão colonizadora que privilegia a ação de descendentes de europeus como os que fazem história, em detrimento da ação de sujeitos oriundos de povos originários ou descendentes de africanos. Aproveitando-me do conceito de Dussel (1993), os seres humanos não pertencentes à tradição europeia são “encobertos” por um discurso de cultura e ciência que atrela a história a ideia de progresso, da qual esses não-europeus representariam o atraso ou o passado que deveria ser superado.

Entendo que uma boa metáfora para pensarmos a relação da construção de imagens por meio das narrativas na história seja com o cinema. Deleuze (2018, p. 29) faz reflexões sobre esta arte, compreendendo que um de seus conceitos é o de *enquadramento*, que ele pensa como um sistema fechado, ou seja, que a partir da definição das balizas observadas pelo diretor, elege quais personagens estão apresentados naquele cenário, hierarquizando personagens e até, por meio da edição, excluindo narrativas e sujeitos. O quadro é o que o sujeito que assiste vê, após as escolhas do diretor. Como o cinema é produto de uma ilusão de óptica, quando se colocam as imagens em sequência, em determinada velocidade, acreditamos que a imagem esteja em movimento, provocando um enredo.

E por que seria relevante então questionarmos os quadros utilizados por outros agentes que escreveram a história no passado? Em importante trabalho, Judith Butler, a partir de



um diálogo com Erving Goffman, afirma que

“Enquadrar o enquadramento” parece envolver certa sobreposição altamente reflexiva do campo visual, mas, na minha opinião, isso não tem que resultar em formas rarefeitas de reflexividade. Ao contrário, questionar a moldura significa mostrar que ela nunca conteve de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro possível, reconhecível (Butler, 2015, pp. 23 e 24).

Ao questionarmos os limites do enquadramento, que são balizados pela moldura, podemos refletir sobre quais escolhas e intencionalidades um dado autor teve durante o processo de invenção do passado, identificando que sujeitos tinham suas vidas passíveis de histórias. Analisando o seu *enquadramento historiográfico*, reunimos condições de perceber que enunciados são fundamentais para embasar a trama, que personagens são agraciados com o protagonismo, e que narrativas ganham movimento.

Ao analisarmos outros textos dos sacerdotes sobralenses, observamos que o trabalho de Sadoc de Araújo busca referências em outros escritos, mantendo similitudes com esta seleção de cenário, personagens, protagonistas e enredos. A obra *Homens e Vultos de Sobral* (1941) é um bom exemplo dessa forma de enquadramento. Vicente Martins constrói uma série de pequenas biografias elegendo quais sujeitos do passado deveriam ter suas vidas tornadas presentes. Eram basicamente sujeitos das elites, sendo homens brancos e católicos. Entretanto, na primeira parte do livro, intitulada como *Resenha Histórica de Sobral*, ele faz uma rápida menção aos indígenas que habitavam a espacialidade que veio a ser Sobral, tornando-os vilões de seu texto. Segundo Vicente Martins da Costa (1941, p. 15),

[Os portugueses] recebidos hostilmente pelos Tabajaras, senhores do atual lugar, Frei Cristovam caiu com certa flechada no peito, tendo morte imediata. Foi sepultado no local onde mais tarde erigiram uma pequena capela e onde hoje se levanta, construída em 1774 pelo Padre Lino Gomes Correia, a formosa Catedral da cidade que parece perpetuar na imponência das torres as glórias da sua tradição.

A contraposição de “evangelizadores” (civilizados) e “selvagens” é essencial para o



desenvolvimento de sua narrativa, onde irá enquadrar os homens brancos como protagonistas, monumentalizados no papel de “mocinhos” nas biografias apresentadas, tendo como vilões vencidos os antigos habitantes daquelas terras. Tal contraposição não nega plenamente a existência de outras etnias, relegando-as a um papel secundário, enquanto a dos brancos e dos civilizados compõe, mesmo sendo a minoria, os papéis principais para a construção das cifras do ideal de *sobralidade*.

Fortunato Alves Linhares, em uma abordagem corográfica, publica em 1941, na *Revista do Instituto do Ceará*, um texto que é mais claro na busca por apresentar as características da população, relacionando-a com a história da cidade. Lembremos, em diálogo com Peixoto, que o gênero corográfico foi relevante durante o período imperial para o ordenamento espacial em regiões distantes (2005, p. 12). Todavia, mesmo mais de meio século após o fim do império, o gênero continuou a ser relevante para a produção de identidades. Em seu artigo, Linhares (1941, p. 236) afirma que

Não há estrangeiros, apenas se encontram cinco pessoas de outras nacionalidades. A raça branca vem-se conservando sem grande mestiçagem desde os tempos coloniais, e a sua procedência vem quase exclusivamente dos portugueses que aqui chegaram. A raça negra pouco influência teve na formação étnica de nosso povo, ao passo que a cabocla ou indígena, apesar de já muito cruzada, forma a maior parte da população, sendo raro ver-se um tipo negro.

Percebamos que o autor *produz a presença* de europeus e seus descendentes em seu discurso, afirmando ainda que há uma forma de conservação da dita “raça branca”, enquanto uma maior parcela da população seria mestiça e a negra estaria fora do enquadramento. É uma clara hierarquia de etnias e culturas, que busca, inclusive, diminuir a presença de descendentes de africanos na cidade, o que pesquisas mais recentes discordam, inclusive apontando para a construção de um templo bastante antigo por uma irmandade de escravos, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, e sobre a grande presença de famílias de pessoas pretas e pardas ao longo da formação da espacialidade que passou a compor Sobral entre os séculos XVIII e XIX, referidas em inventários com informações completas sobre famílias e posses (Souza, 2001; 2015).

Dom José reproduziu quase que integralmente o artigo escrito por Linhares (1941) em seu *História de Sobral*. Parece até o aproveitamento de cenas para um *remake*, nas quais as



propostas de seletividade são endossadas. Sadoc de Araújo e Lira, por seus turnos, partiram de *História de Sobral* para a construção de suas versões sobre o passado da cidade. É como se um mesmo filme fosse refilmado em vários momentos, realizando escolhas similares de enredo, personagens, protagonistas, cenários, eventos...

## A empatia pelos vencedores no discurso historiográfico clerical sobralense

A Sobral apresentada pelos sacerdotes é monocromática, indicando personagens membros das elites – política, econômica, intelectual – da cidade como sendo tornados sempre protagonistas para a posteridade. Os padres atuam como herdeiros dos “vultos” do passado. Essa forma de narrar se assemelha ao que Walter Benjamin (1994, p. 225) define na sétima de suas *Teses sobre o conceito da História* como o “método da empatia”, na qual

[...] os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. [...] Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe.

Além de Vicente Martins da Costa, que constrói sua obra a partir das biografias do que considera “os vultos” da cidade, os outros clérigos também partilham formas de narrar que privilegiam protagonistas, como se fossem autoimagens suas. Dom José, em *História de Sobral*, analisa o surgimento da cidade, elegendo os protagonistas de sua fundação, relegando aos indígenas papéis secundários, recortando trechos de textos de Tristão de Alencar Araripe e Tomaz Pompeu Sobrinho (Frota, 1995, pp. 7 a 21).

Especialmente ao compararmos o artigo original de Pompeu Sobrinho, intitulado *Topônimos indígenas nos séculos 16 e 17 na costa cearense*, e publicado na Revista do Instituto do Ceará (Pompeu Sobrinho, 1945, pp. 156 a 205), com a publicação realizada por dom José, originalmente em 1952, percebemos que tanto reflexões sobre a forte presença indígena na região quanto o título do artigo são silenciados, privilegiando apenas a publicação de recortes da etimologia de topônimos como “Curujene”, “Mundaú”, “Coreaú” e “Camocim” (Frota, 1995, pp. 11 a 21), seguido, sem articulação ou comentário, de um artigo do historiador Raimundo Girão



(Frota, 1995, pp. 21 a 23), o qual reforça o discurso de que a cidade é forjada por homens brancos, legitimando a ideia de distinção, pois:

Os brancos, que formavam a classe mais diminuta, retendo os cabedais da civilização e os dos gados trazidos e reproduzidos, constituíam a casta rica, proprietária, enfeudada nas fazendas e servida, a troco de compensações mesquinhas, por agregados e forasteiros (Girão apud Frota, 1995, p. 21).

Poucas páginas depois, a corografia proposta por Fortunato é citada, retomando o trecho que afirma como os brancos se “conservavam” na cidade, evitando miscigenação. O enquadramento proposto por dom José hierarquiza espaços e etnias, propondo, a partir da narrativa historiográfica, um foco em uma cidade que teria sua identidade própria.

Sadoc de Araújo faz grande esforço em legitimar essa ideia, ajudando a compor, com regularidades discursivas similares. Segundo o sacerdote, a região que veio a se tornar Sobral era inóspita por conta de ser um “semideserto”. Entretanto, no espaço onde surgiu Sobral, estariam reunidas “condições mesológicas paradoxalmente capazes de temperar uma raça que paulatinamente se formará através dos mais variados cruzamentos sanguíneos, de origem nobre, a par das exigências de um esforço heroico e constante de adaptação à terra adversa” (Araújo, 2015, p. 19).

Para “liderar” a ocupação da terra, a etnia correta já estava escolhida, seria a dos homens brancos, mas “a presença do homem branco, nesses remotos tempos, é rara e escassa em toda a região” (Araújo, 2015, p. 19). É a partir dessa constatação que o padre Sadoc de Araújo (2015, pp. 19 e 20) reconhece, mais claramente, a existência de tribos indígenas que antecederam a presença portuguesa.

No entanto, na perspectiva empreendida pelo autor, só com a chegada dos portugueses é que se dá início à história de Sobral, construindo suas descrições com todo o zelo e cuidado, heroizando os personagens para legitimar a distinção da cidade. João Mendes Lira, em *De Caiçara a Sobral*, faz algo similar, especialmente no capítulo IV, *Os primeiros colonizadores*, no qual afirma que

Podemos dizer que os primeiros colonizadores, isto é, aqueles que começaram a trazer para a terra a civilização e o progresso foram em primeiro lugar Félix da Cunha



Linhares, que, em 1690, fixou-se no local onde hoje é Patriarca. Daí se irradiou o trabalho para a região de Sobral (Lira, 1971a, p. 17).

O homem branco, católico e português, com a prática do trabalho, seria o responsável por levar a “civilização” para aquela espacialidade, ao passo que os “primitivos” não trouxeram, na visão do clérigo, grandes contribuições.

As narrativas acerca do surgimento da cidade de Sobral são baseadas em discursos que flertam com modelos narrativos bíblicos. Os cinco padres, que imprimiram uma versão tradicional sobre o surgimento e desenvolvimento de Sobral, acompanham o processo de ocupação da região como se as terras que margeiam o Rio Acaraú, que corta a cidade, fossem similares às terras que margeiam o Rio Jordão, na Palestina e os colonizadores brancos se assemelhassem ao povo Hebreu, do *pentateuco* bíblico.

A organização deixa em segundo plano, ou fora do enquadramento, os sujeitos que não pertencem ao discurso evangelizador, privando-os do direito à história. Os índios, os descendentes de escravos e as mulheres são colocados em segundo plano, a fim de legitimar uma história de homens, em uma cidade pretensamente modelar e distinta.

A distinção de Sobral estaria baseada em seus homens brancos. Diversos enunciados apontam para essa heroicização, similar à realizada pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Paulista (IHGP) na heroicização dos bandeirantes e estudado pela historiadora Karina Anhezini (2021), com forte adjetivação dos fatos, feitos e dos personagens, como no trecho a seguir: “As terras banhadas pelo Acaraú foram povoadas dentro de um critério de seleção de sesmeiros, gente de boa linhagem, predominando entre as famílias primeiras, sentimentos de elevadas virtudes morais e tendências para o aprimoramento cultural” (Araújo, 2015, p. 20). Sadoc de Araújo, em vários momentos, continua a tecer a lógica de que “Era o homem branco que chegava para construir a nossa civilização” (Araújo, 2015, p. 20). Em *Cronologia Sobralense*, especialmente, as adjetivações são constantes e aparecem em muitas páginas da introdução da obra, com destaque para o seguinte trecho:

Os primeiros colonizadores desta Ribeira traziam consigo, além da audácia bandeirante, o espírito civilizador do cristianismo. [...] Heróis da civilização e da fé simultaneamente foram estes nossos primeiros colonizadores. Ainda hoje sentimos os efeitos salutareos desta forma biforme de estruturação civilizadora que lhes devemos



e a que, até hoje, o povo da Ribeira do Acaraú não tem sido infiel. Verdadeiros heróis, homens de fibra e de vocação bandeirantes, desbravadores dos nossos sertões, esteio seguro e forte de uma raça que se constituía, paulatinamente, temperada de valentia e abnegação ao sofrimento. Forte alicerce, digno de um bravo povo e de uma brava gente. Base inabalável de uma grande civilização sertaneja que se organizava e que sempre teve a indomável vocação de crescer (Araújo, 2015, pp. 20 e 21).

“Audácia bandeirante”, “espírito civilizador do cristianismo”, “Heróis da civilização e da fé” são qualificações que compõem a produção de presença de homens que até hoje são tratados como exemplos e cifras para a *sobralidade*. Apesar de outros autores também construírem adjetivações evidenciando o papel da Igreja Católica, foram seus clérigos os que aprimoraram e consolidaram a usinaria destes discursos. Os personagens de seus textos seriam autoimagens dos clérigos? A cidade com “indomável vocação de crescer” teria em homens tipificados uma de suas principais âncoras de um passado glorioso para Sobral, que ainda é erigido no presente.

Dom José não constrói uma imagem muito diferente sobre o surgimento da cidade. Ao falar sobre as primeiras construções, afirma que

Ao redor da Matriz e, mais tarde, da capela do Rosário, surgiram as primeiras casas da povoação, geralmente baixas e quase sempre de tijolos e cobertas de telhas, e pertenciam a pessoas de boa linhagem, das quais descende grande parte dos habitantes de Sobral. Os bairros da Matriz e do Rosário formavam dois pequenos centros de atividade, que pouco a pouco foram se desenvolvendo até que se uniram mediante o aparecimento de novas ruas (Frota, 1995, pp. 26).

Destaca-se que nesse trecho, o qual indica pessoas de “boa linhagem”, certamente apontando para descendentes de portugueses, devido ao uso desta mesma expressão em apontamentos genealógicos que o próprio autor faz ao longo da mesma obra, viviam em casas de alvenaria, em vez de taipa, ao redor de igrejas, não é sustentado por menções às fontes. A não necessidade de apresentar fontes, o que foge da estrutura do próprio livro, composto por uma sequência quase interminável de reproduções de documentos e trechos de artigos e livros, indica que aquela versão do surgimento da cidade é consensual e não precisa de legitimação.

É uma forma de composição da intriga historiográfica baseada na *crença*, tema estudado por Hartog (2017, p. 14), no qual os recursos de legitimação iam além dos documentos. A autoridade



do discurso era sustentada na fé no próprio bispo, algo que ele estava acostumado em temáticas teológicas. Mas, se o recurso ao documento (ou qualquer vestígio compreendido como fonte) é o que Paul Ricoeur (2007, p. 205) conceitua como *efeito signo*, sendo o grande diferencial da escrita da história, que historiografia seria aquela produzida, às vezes, com enunciados sem diálogo com referente algum? É uma historiografia que às vezes se valia de outras formas de *pacto narrativo* (Certeau, 2010, p. 102; Ricoeur, 2007, p. 274), marcado por adjetivos e heróis, em detrimento de fontes ou análises que enquadrem outros autores sociais.

### A estratégia de tornar Sobral relevante como “mãe-fecunda”

O uso de adjetivos que acompanham as obras dos sacerdotes não consegue resolver um problema: como uma cidade tão distinta e relevante não tem protagonismo dentro do panorama nacional? Sadoc de Araújo busca solucionar esse impasse, afirmando que o papel de “mãe”, representado pela cidade, a garantiria tal destaque. Ele indica que é um atributo da cidade a atuação como “comunidade”, o que “causa eficiente das muitas conquistas e o segredo das grandes vitórias de nossa Sobral” (Araújo, 2015, p. 23).

Nessa perspectiva, para sustentar a ideia de uma cidade relevante, o enfoque passaria para a participação de “filhos” na história nacional. São eleitos novamente personagens brancos e católicos para esses papéis, que representariam o anseio de uma cidade modelar. Diversos enunciados são então forjados para compor a imagem de Sobral como “mãe”, como, “Foi nesta atmosfera e neste clima que a cidade-mãe formou seus grandes filhos” (Araújo, 2015, p. 23).

Atmosfera e clima aqui representam as dinâmicas sociais e culturais que diferenciariam a cidade, apontando para Sobral como a responsável por gestar e educar seus filhos, tornando-os diferentes das de outras espacialidades. Assim como fez Vicente Martins da Costa três décadas antes, em seu *Homens e Vultos de Sobral* (1941), Sadoc de Araújo (2015, pp. 23 e 24) exemplifica quem seriam os grandes nomes da cidade:

Foi isto [atmosfera e clima da cidade-mãe] que fez possível a imaginação de Domingos Olímpio imortalizando Luzia, o ardor apostólico do Padre Ibiapina enchendo de educação todo o Nordeste, a inteligência do Visconde de Sabóia dominando a medicina e ativando a cirurgia, o arrebatamento patriótico do padre Mororó pregando os ideais da liberdade, o entusiasmo de Maria Tomázia rompendo os grilhões da escravidão, o pioneirismo de João Thomé forçando os céus e tentando provocar as



primeiras chuvas artificiais, a ciência jurídica de Luís Miranda defendendo a força do Direito, a gravidade eclesiástica de Dom Jerônimo ocupando o sólio episcopal como Arcebispo primaz do Brasil, a fé de Dom Lourenço inaugurando a primeira Diocese no longínquo Amazonas, o governo do Barão de Sobral estruturando a administração da Província do R. G. do Sul, a valentia militar de Joaquim Ribeiro enfrentando a fúria dos balaios, a influência de José Sabóia traçando os destinos políticos do Estado, o ímpeto lutador de José Mariano forçando a rendição de revoltosos, a liderança inata de Francisco Monte decidindo as eleições estaduais, a precoce vocação literária de Cordeiro de Andrade identificando o valor sociológico dos “Cassacos”, o pendor político de Moreira da Rocha moralizando a administração do Ceará, a engenharia de Trajano de Medeiros criando indústrias e implantando ferrovias, os dotes pedagógicos de Newton Craveiro respondendo magistralmente às dúvidas do “João Pergunta”, a carreira política de Rodrigues Júnior galgando as mais altas posições na Corte do Império, as publicações do Senador Vicente de Paula honrando a magistratura, a eloquência do Senador Figueira defendendo Dom Vital no Supremo Tribunal da Corte, o espírito dinâmico de Dom José construindo perenemente as grandes obras da cidade.

Com cuidadosa adjetivação, vários homens, com vidas ligadas ao sacerdócio, às armas, à política, às artes e aos negócios são citados, ao lado de uma mulher, Maria Tomázia, compondo o panteão de heróis da cidade. Sobral, como “cidade-mãe”, produziu filhos vistos como bons e famosos, que tornaram a espacialidade, na visão do sacerdote, relevante e, talvez, famosa, indicando sua diferenciação cultural. O clérigo buscou, desde a introdução do texto, condições para evidenciar uma cidade que deveria ser interpretada como modelo. Se também podemos entender “[...] ‘sobralidade’ como uma ideia de homogeneidade social” (Santos, 2013, p. 40), a Sobral inventada nos textos por Sadoc de Araújo, mantém tal homogeneidade, escondendo contradições e instituindo uma cidade de heróis.

Décadas antes, Fortunato Alves Linhares, no prólogo de *História de Sobral*, fez apontamentos similares para a distinção dos filhos da cidade, no qual alguns dos nomes coincidem com os apontados posteriormente por Sadoc de Araújo. Segundo Linhares (1995, p. 7),

Não se esquece S. Excia [Dom José] de falar-nos com admiração e amor daqueles grandes homens, sacerdotes ou leigos, que tanto cooperaram com seu esforço e boa vontade para a formação desta nossa bela urbe: Lino Correia, Antônio Rodrigues



Magalhães, Padre João Ribeiro Pessoa – o edificador de nossa formosa Catedral, o capitão-mor José Xerez de Furna Uchoa – o 1.º introdutor do café no Ceará, Francisco Ferreira da Ponte – 1.º Presidente de nossa Edilidade, José Inácio Gomes Parente – Deputado às cortes de Lisboa, Visconde de Sabóia – cientista e filósofo, José Júlio de Albuquerque Barros – Barão de Sobral, Domingos Olímpio e tantos outros são nomes dignos de serem imitados pela mocidade sobralense.

No pequeno texto de Linhares, o qual abre o livro de dom José, há o apontamento para a premissa de distinção, narrando feitos considerados extraordinários de seus personagens, que seriam responsáveis por definir a identidade da cidade através do tempo e deveriam ser imitados por novos sobralenses. O historiador Francisco Dênis Melo (2013, p. 169), ao avaliar os personagens pelos que aspiravam a ser intelectuais na cidade naquele contexto, afirma que “[...] são ‘super-homens’, criadores de uma cidade única, forjada numa tradição considerada invencível e épica...”.

Retomando o diálogo com a obra de Sadoc de Araújo, percebemos que estes homens são projetados por sua “mãe” comum, que dá a eles condições para se desenvolverem intelectualmente. As mulheres ganham raros papéis de protagonismo nas obras dos sacerdotes, ficando em segundo plano, inclusive, na figura materna, pois a maior responsável por essa tarefa é outra:

Mãe fecunda de tão numerosos filhos, nascidos de seu ventre prolífero de glórias e criados em seu seio nutritivo de cultura, Sobral mostrou a todos os rincões da Pátria o valor desse pedaço de chão cearense onde foi acendido [sic] o fogo ardente de ativar civismo e onde foi plantada a semente viva de gerar talentos (Araújo, 2015, pp. 24 e 25).

Em nível regional, o momento político em que Sadoc de Araújo buscava construir o papel de protagonismo de Sobral, sendo especialmente a “mãe fecunda”, é de uma cidade com menor protagonismo se comparado ao das décadas anteriores. A tentativa de tornar o passado novamente presente, a partir da heroização de habitantes considerados “ilustres”, era a tentativa de demonstrar que a cidade era ainda importante, cenário distinto das últimas duas décadas na política do Ceará.

Desde 2007, com o início do primeiro mandato de Cid Ferreira Gomes como governador



(2007-2014), o Ceará tem administrações ligadas ao apoio de Sobral. Em 2015, tomou posse Camilo Santana (2015-2022), com bases políticas no cariri cearense, mas com grande apoio do clã Ferreira Gomes, contando inclusive com uma vice-governadora sobralense, Izolda Cela, esposa de um ex-prefeito de Sobral, Veveu Arruda (2011-2016). Em 2022, Izolda chegou a ser governadora após Camilo renunciar, a fim de concorrer para o cargo de Senador. Nas eleições daquele ano, houve um racha político entre os irmãos Ciro, de um lado, e Ivo e Cid de outro, por estes últimos não apoiarem o candidato do PDT, Roberto Cláudio, demonstrando um apoio velado a Elmano de Freitas, do PT, apoiado diretamente por Camilo Santana e Luiz Inácio Lula da Silva.

### Conclusão

Marcada por cifras associadas à ideia de distinção, a historiografia produzida por sacerdotes foi responsável por uma construção identitária que, como vimos no discurso citado do atual bispo e na reedição de *Cronologia Sobralense* pelo poder público, ainda é influente na cidade, servindo para a sustentar a ideia de que Sobral é uma cidade modelo e que seus aspectos de distinção devem ser copiados por outras espacialidades. A *sobralidade* deve muito aos enunciados presentes em tal forma de escrita da história.

Enquanto em um primeiro momento de produção, Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins da Costa e dom José Tupinambá da Frota estabeleceram os signos de uma visão do que seria a cidade modelar, a partir da década de 1970, João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo aprofundaram o uso de adjetivos e cifras que nortearam os usos dessa visão do passado até hoje. Antes do estabelecimento da monografia como trabalho de conclusão de curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, e da expressiva produção de dissertações e teses por professores e egressos do curso a partir de fins dos anos 1990, a literatura, o jornalismo e a produção de memórias por outros autores tinham como referência hegemônica sobre o passado de trabalhos dos clérigos que escreveram versões canônicas da história de Sobral.

Os adjetivos dados a personagens similares, quase todos sendo portugueses (ou descendentes brancos e católicos que traziam e desenvolveriam a civilização em Sobral) funcionam como chave para compreender as escolhas realizadas para um discurso fundacional da cidade, que ainda é legitimado pelo poder público, como notamos nas últimas comemorações realizadas em julho de 2023 pelos 250 anos de Sobral, levando em conta a elevação do Povoado da Caiçara à condição de Vila Distinta e Real de Sobral, em 5 de julho de 1773.

Como um de seus principais componentes, a noção de *sobralidade* buscou transformar a cidade e seus gentílicos como personagens relevantes para além de suas fronteiras, núcleo que,



com algumas mudanças, ainda permeia as propagandas políticas que se apresentam, com certa relevância, para todo o Brasil. Ironicamente, Belchior, nascido em Sobral em 1947, como vemos na epígrafe deste texto, traz outra impressão sobre o grau de conhecimento da cidade.

Lembremos que, nas eleições para o executivo nacional de 2018 e 2022, Sobral foi tratada como um modelo a ser exportado para todo o Brasil pelo candidato Ciro Ferreira Gomes, que, apesar de nascido em Pindamonhangaba-SP e nunca ter ocupado cargos políticos na cidade, viveu a juventude em Sobral e é filho de um ex-prefeito, José Euclides Ferreira Gomes Júnior, eleito pela ARENA e que administrou Sobral entre 1977 e 1983, além de ser irmão de Cid Ferreira Gomes, prefeito entre 1997 e 2004, e de Ivo Ferreira Gomes, prefeito de Sobral entre 2017 e 2024.

As cifras utilizadas aqui foram outras. Buscavam evidenciar uma cidade modelo a partir de seus resultados obtidos nas avaliações externas na educação básica, especialmente no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, no qual logrou papel de destaque na última década. Todavia, a ideia de uma cidade tradicional e histórica, que se moderniza com o trabalho de homens excepcionais, persistia, mantendo ainda uma lógica para a ideia de *sobralidade*.

Avalio que é a hora de analisarmos com mais profundidade que aspectos e intencionalidades mobilizam esses desejos políticos no passado e no presente por exportar a experiência de uma cidade, refletindo sobre as operações de exclusão de sujeitos históricos em prol de uma narrativa romantizada e gloriosa do passado. Outros enquadramentos devem ser produzidos para a história de Sobral.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANHEZINI, Karina. Entre o imperativo do arquivo e a retórica bandeirante: a constituição de um saber científico para a invenção do paulista. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 349–372, 2021. DOI: 10.15848/hh.v14i36.1708. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1708>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Raízes Portuguesas do Acaraú**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense LTDA. 1991.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense**. Século XVII e XVIII – 1604-1800. 2ª ed. Volume 1. Fortaleza: Edições ECOA, 2015.
- BARROSO, Parsifal. **O Cearense**. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969.
- BARROSO, Parsifal. Prefácio da 1ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense**. Século XVII e XVIII – 1604-1800. 2ª ed. Volume 1. Fortaleza: Edições ECOA, 2015.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. Fotografia 3x4. In: BELCHIOR, Antônio Carlos. **Alucinação**. Direção artística: Marco Mazzola. São Paulo: PHILIPS, 1976. 1 disco sonoro 37 min).
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio



Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

COSTA, Elza Marinho Lustosa da. **Sociabilidade e Cultura das elites sobralenses**: 1880-1930. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

COSTA, Vicente Martins da. **Homens e Vultos de Sobral**. Sobral: [s.n.], 1941.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1**: a imagem-movimento. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUSSEL, Enrique. **1992**: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral**: opulência e tradição. Sobral: UVA, 2000

FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 10–22, 2009. DOI: 10.15848/hh.v0i3.68. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68>. Acesso em: 10 mar. 2023.

HARTOG, François. **Crer em história**. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. **Revista do Instituto Histórico**. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922, pp. 254 a 293. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1922/1922-NotasHistoricasdaCidadedeSobral.pdf>. Acesso em 23 de jul. de 2023.

LINHARES, Fortunato Alves. Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral. **Revista do Instituto Histórico**. Fortaleza, Ano LV, 1941. pp. 234 a 251. Ver: [https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Apontamentos\\_para\\_a\\_historia\\_e\\_geografia\\_do\\_municipio\\_e\\_cidade\\_de\\_Sobral.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Apontamentos_para_a_historia_e_geografia_do_municipio_e_cidade_de_Sobral.pdf). Acesso em: 25 de jul. de 2019.

LINHARES, Fortunato Alves. À guisa de prólogo. In.: FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1995.

LIRA, João Mendes. **De Caiçara a Sobral**. Sobral: [s.n.], 1971a.

LIRA, João Mendes. **Nossa História**. Sobral: [s.n.], 1971b.

MELO, Francisco Dênis. **Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)**. Tese em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife - PE, 2013.

PEIXOTO, Renato Amado. **A Máscara da Medusa**: a construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX. Tese (doutorado). UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em História Social, 2005.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Topônimos indígenas nos séculos 16 e 17 na costa cearense. **Revista do Instituto Histórico**. Fortaleza, Ano LIX, 1945. pp. 156 a 205. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1945/1945-ToponimosIndigenasSeculos16e17CostaCearense.pdf>. Acesso em: 28 de jul. de



2019.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography. Rio de Janeiro, Ouro Preto-MG, volume 8, número 18 (2015). DOI: 10.15848/hh.v0i18.841. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/841>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 3**: O tempo narrado. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007.

SANTOS, Christlene Carvalho dos. **O espetáculo da cidade**: corpo feminino, publicidade e vida urbana em Sobral (1920/1925) Sobral, CE: Instituto ECOA, 2013.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **Rosário dos pretos de Sobral - Irmandade e festa (1854-1908)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

VASCONCELOS, dom José Luiz Gomes de. In.: CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. **Sessão especial para entrega de títulos de cidadania e menções honrosas**. Sobral, 4 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/sobral.tv/videos/2058972374353929/>. Acesso em 24 de jul. de 2023.

## Informações Adicionais

### Biografia profissional:

Possui graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2013), especialização em Ensino de História do Ceará também pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2016), mestrado em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará - MAHIS/UECE (2017) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2023). É professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE) e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

### Endereço para correspondência:

Av. Monsenhor José Aloísio Pinto, 1445 - Cidade Gerardo Cristino de Menezes, Sobral - CE, 62050-255. Brasil.

### Financiamento:

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará, por meio de liberação para estudos, foi responsável por viabilizar parte do desenvolvimento da pesquisa da qual se origina este manuscrito.

### Agradecimento:

Agradeço ao meu orientador, professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pelo apoio acadêmico, bem como ao meu pai, Expedito (in memoriam), a minha mãe, Gorete, e a minha esposa, Laelia pelas condições familiares que propiciaram dedicação ao estudo e a escrita da história.

### Conflito de interesse:

Nenhum conflito de interesse foi declarado.



### Aprovação no comitê de ética:

Não se aplica

### Modalidade de avaliação:

Duplo-cega por pares.

### Contexto de pesquisa

Este texto, com escrita inédita, é derivado, com alguns avanços em diálogos, reflexões articuladas ao panorama político brasileiro e em novas referências, da tese "Apelando para a justiça de Deus, na voz da História": a fabricação de passados por padres em Sobral (1922-1991), orientada pelo Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – PPGH UFPE, defendida em 13 de fevereiro de 2023 – Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49204>. Acesso em: 31 de jul. de 2023. Pequenos fragmentos das discussões, com outra estrutura e escrita, foram propostos e amadurecidos desde o início do curso de doutoramento e apresentadas sob o título de "A fabricação historiográfica mística em Sobral (1922 – 1991)" no Simpósio de Teoria da História e História da Historiografia do 30º Simpósio Nacional de História, em 2019, coordenados pelos Professores Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Dr. Temístocles Cezar.

### Preprint

O artigo não é um preprint.

### Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica.

### Editores responsáveis

Flávia Varella – Editora-chefe

Rebeca Gontijo – Editora-chefe

Fabio Duarte Joly - Editor executivo

### Direitos autorais

Copyright © 2024 Thiago Braga Teles da Rocha

### Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.





Histórico de avaliação

Data de submissão: 31 de julho de 2023

Data de alteração: 26 de agosto de 2024

Data de aprovação: 08 de setembro de 2024